

PALAVRAS PARA LÁ DA PANDEMIA: CEM LADOS DE UMA CRISE

Coord.: José Reis
Um trabalho coletivo do CES

PALAVRAS PARA LÁ DA PANDEMIA: CEM LADOS DE UMA CRISE

Coord.: José Reis
Um trabalho coletivo do CES



Centro de Estudos Sociais
Universidade de Coimbra



UNIVERSIDADE DE
COIMBRA



Organização
das Nações Unidas
para a Educação,
a Ciência e a Cultura



Universidade de
Coimbra - Alta e Sã
inscrita na Lista do Património
Mundial em 2013



PROGRAMA OPERACIONAL COMERCIO E INOVAÇÃO



UNIÃO EUROPEIA

Fundo Europeu
de Desenvolvimento Regional



Fundação
para a Ciência
e a Tecnologia

PALAVRAS PARA LÁ DA PANDEMIA: CEM LADOS DE UMA CRISE

Coordenador

José Reis

Editor

Centro de Estudos Sociais
Universidade de Coimbra

Revisão Científica

Ana Cordeiro Santos, António Sousa Ribeiro, Carlos Fortuna, João Rodrigues, José Castro Caldas, José Reis, Pedro Hespanha, Vítor Neves

Revisão Linguística

Ana Sofia Veloso, Alina Timóteo

Design e Paginação

André Queda

Julho, 2020

Este trabalho é financiado por Fundos FEDER através do Programa Operacional Factores de Competitividade – COMPETE e por Fundos Nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia no âmbito do projeto UIDB/50012/2020.

Os dados e as opiniões inseridos na presente publicação são da exclusiva responsabilidade dos/das seus/suas autores/autoras.

ISBN

978-989-8847-25-6

REPRESENTAÇÕES E PRÁTICAS

Raquel Ribeiro

Como qualquer objeto novo, a COVID-19 propicia a formação de novas representações sociais. Por representações sociais entende-se um conjunto de conceitos, proposições e explicações originadas na vida quotidiana no decurso das comunicações interpessoais, que permitem transformar conceitos estranhos em familiares e criar um saber comum que permite a comunicação. As representações sociais formam-se de modo não consciente, nas conversas entre pessoas e pela informação difundida nos *media*, ancorando-se em sistemas de conhecimento e valores preexistentes. Elas constituem teorias leigas de interpretação do mundo e de orientação das práticas.

As representações sociais podem ser relativamente partilhadas – quando ancoradas em valores e experiências comuns – ou, pelo contrário, apresentar variações significativas (mesmo antagónicas), quando ancoradas em dinâmicas sociais desiguais ou conflituais. Se, numa primeira fase da pandemia de COVID-19, as representações visam sobretudo responder a uma necessidade de informação e comunicação, à medida que as consequências da propagação do vírus e das medidas adotadas para o deter adensam e visibilizam desigualdades sociais – opondo aqueles que possuem recursos para adotar práticas de prevenção e proteção àqueles que não os possuem – elas respondem à necessidade de dar sentido aos acontecimentos, manter uma identidade pessoal e social positiva e justificar práticas (próprias e de outros).

É conhecida a importância dos valores e normas salientes num dado contexto: enquanto a competição e o autointeresse estão associados a práticas de rejeição grupal e atos económicos antiéticos, a saliência da interconetividade e a interdependência criam uma consciência social e política propícia à defesa do bem comum. O destaque constante da morte, da competição por recursos escassos, da criminalidade, da incapacidade de resposta dos sistemas de proteção social, etc., nutre um clima social propício à formação de representações que justificam práticas antissociais, criando condições para que à crise sanitária e económica acresça uma crise societal.

A resposta à pandemia evidenciou a falácia da “ausência de alternativas”. Do mesmo modo que foi possível “parar”, é possível substituir o foco colocado na sobrevivência individual ou setorial, no autointeresse, no crescimento económico e na rentabilidade pelo foco na cooperação e interdependência, na ética de uma responsabilidade social partilhada, de atenção e cuidado ao outro e ao planeta, na importância da justa distribuição dos recursos, no respeito pela voz e dignidade de tod@s e de cada um/uma. Tal contexto normativo guiará a formação de representações que estimularão práticas colaborativas capazes de eliminar o sofrimento evitável e usar as experiências de sofrimento inevitável na construção de um mundo melhor. Para que tal seja possível é determinante não adicionarmos à prática de “lavar bem as mãos” a prática de “lavar daí as mãos”!